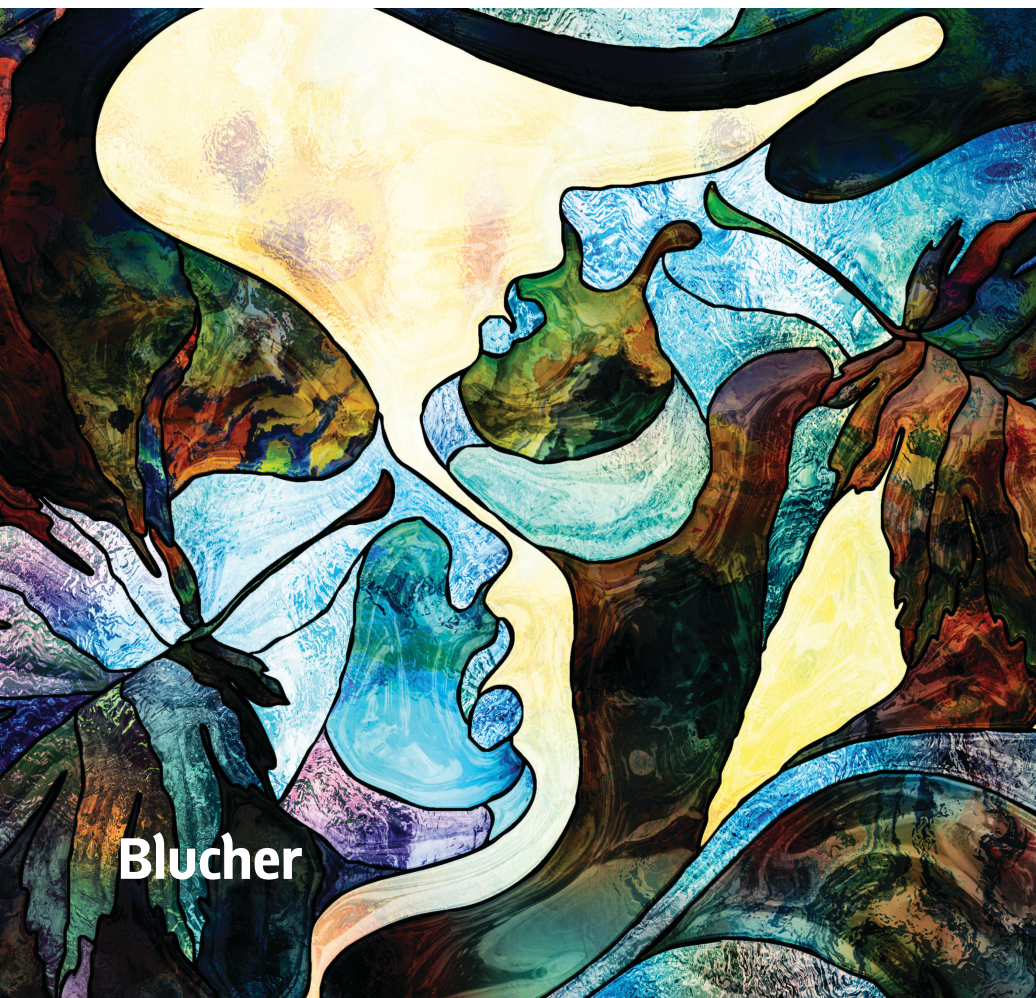


Fernando Rocha

Janelas da psicanálise

Transmissão, clínica, paternidade, mitos, arte



Blucher

JANELAS DA PSICANÁLISE

Blucher

JANELAS DA PSICANÁLISE

*Transmissão, clínica,
paternidade, mitos, arte*

Fernando Rocha

Janelas da psicanálise: transmissão, clínica, paternidade, mitos, arte

© 2019 Fernando Rocha

Editora Edgard Blücher Ltda.

Imagem da capa: iStockphoto

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme

5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua*

Portuguesa, Academia Brasileira de Letras,

março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por
quaisquer meios sem autorização escrita da
editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard
Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação

na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Rocha, Fernando

Janelas da psicanálise: transmissão, clínica, paternidade, mitos, arte / Fernando Rocha. – São Paulo: Blucher, 2019.

336 p. (Série Psicanálise Contemporânea / coordenada por Flávio Ferraz)

Bibliografia

ISBN 978-85-212-1398-7 (impresso)

ISBN 978-85-212-1399-4 (e-book)

1. Psicanálise 2. Psicanálise – Ensaios I. Título.

II. Ferraz, Flávio.

19-0030

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

*A Marci Dória Passos, Estrella Bohadanna, Marcelo Ciuffo,
J.-B. Pontalis, Joyce McDougall e Carlos Nicéas (in memoriam).*

A Felipe e Rafael, meus queridos filhos.

*A Martim, Mia, Quim, Lori e Theodora, queridos netos,
pela alegria de vê-los desabrochar.*

A Ruth, com amor.

*Aos meus analisantes, de cujas experiências
de análise sempre saio enriquecido.*

Agradecimentos

A Joel Birman, pelo prefácio.

A Carmem Hanning, Flávio Ferraz, Rogério Luz, Sonia Bromberger, Margaret Waddington Binder e Dulce Campos.

Com a experiência dos anos de prática, e mesmo no decorrer de uma sessão, o analista, em virtude da profundidade das trocas com seu paciente, evolui. Ou seja, o funcionamento psíquico do analista sofre transformações sobre as quais ele só toma consciência secundariamente, e correspondem às mudanças observáveis no seu paciente.

De M^oUzan, M. (2006). Invite à la fréquentation des ombres.
Psychanalyse en Europe (60), 15-29 (tradução livre).

Conteúdo

Prefácio: cartografias da psicanálise	13
Palavras introdutórias	21

JANELA 1

Psicanálise e transmissão

1. Emancipação <i>versus</i> adaptação: perspectivas na formação psicanalítica	33
2. A transferência na supervisão psicanalítica	57
3. Reflexões sobre o paradoxo entre o inconsciente disruptivo e a instituição	81
4. Entrevista à <i>Alter</i>	105

JANELA 2

Psicanálise e clínica

5. Trauma narcísico e resiliência numa experiência analítica: a transferência como tutor da resiliência	125
---	-----

- | | |
|--|-----|
| 6. Sobre o trabalho de retificação subjetiva na entrada em análise: as primeiras entrevistas com Marcel e o jogo do <i>cache-cache</i> | 145 |
| 7. Comentários ao trabalho, por Margaret Waddington Binder | 163 |
| 8. Sobre impasses e mistérios do corpo na clínica psicanalítica | 173 |
| 9. Vicissitudes das sementes de Narciso e clínica psicanalítica | 197 |
| 10. Sobre o relatório clínico: perdas e ganhos na escrita psicanalítica | 213 |

JANELA 3

Psicanálise: paternidade e mitos

- | | |
|--|-----|
| 11. Notas sobre a paternidade: do mito à atualidade | 229 |
| 12. A sexualidade na teoria e na prática psicanalíticas: sobre o complexo de Édipo e de castração | 245 |
| 13. Comentários ao trabalho, por Dulce Campos Dantas | 267 |
| 14. Édipo e sexualidade, supremacia de uma compulsão à repetição, cem anos depois: um sempre atual desafio | 273 |

JANELA 4

Psicanálise e arte

- | | |
|--|-----|
| 15. Esculpindo o inaudito | 293 |
| 16. Ensaio psicanalítico sobre o ciúme: o ciúme na música popular brasileira | 307 |

Prefácio

Cartografias da psicanálise

*Joel Birman*¹

Escala e auditório

Esta obra é constituída de quinze ensaios e uma entrevista, que foram publicados anteriormente para um público restrito, em diversas revistas especializadas do campo psicanalítico. Todos os ensaios foram objeto de intervenções prévias do autor em colóquios e congressos de psicanálise, realizados em nível nacional e internacional. Contudo, alguns deles foram devidamente corrigidos pelo autor para a presente edição sob a forma de livro, de maneira que, com as retificações, houve o cuidado de precisar melhor seus comentários e seus argumentos, para tornar então mais concisa e também bem mais rigorosa a sua escrita.

1 Psicanalista, membro do Espace Analytique e do Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos, professor titular do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), diretor de Estudos em Letras e Ciências Humanas pela Universidade Paris 7, pesquisador do CNPq, pesquisador e professor associado do Laboratório de Psicanálise, Medicina e Sociedade da Universidade Paris 7.

É evidente que, ao decidir publicar tais ensaios como livro, o autor pretendeu transformar não apenas quantitativa e qualitativamente o alcance daqueles, como também o auditório de seus leitores, pois esses são então necessariamente diversificados e ampliados de forma significativa, ganhando, dessa maneira, novos leitores no campo psicanalítico, por um lado, e lançando a sua obra para os leitores que não pertencem ao campo psicanalítico, por outro. Portanto, os ensaios em pauta ganham necessariamente outra consistência e escala de grandeza, pela reconfiguração efetiva de seu auditório de leitores.

O título, *Janelas da psicanálise*, evidencia as linhas de força que o autor escolheu para organizar tematicamente a disposição de seus diversos ensaios e a inscrição desses em sequências, de forma a configurá-los então em novas totalidades significativas. Vale dizer que sob a forma da categoria de janela e pelo enunciado dessa no plural como janelas, o autor traça uma ordem discursiva para orientar decisivamente a direção de leitura de seus possíveis leitores. Portanto, por essa nova ordem do discurso,² assim enunciada, o autor relançou então o que estaria escrito previamente em cada um desses ensaios preliminares num outro campo diferencial de leitura, com a enunciação de outras linhas de fuga, pela própria sequência em que passou a ordenar os ensaios em pauta. Enfim, o projeto do livro em questão se plasmava então efetivamente, na sua estrutura formal, pela composição que foi assim delineada.

Refrações da experiência psicanalítica

A escolha da categoria janela, no plural, para delinear a ordem discursiva em pauta, evidencia que, para o autor desta obra, a

2 Foucault, M. (1970). *L'ordre du discours*. Paris: Gallimard.

psicanálise não se circunscreveria assim ao estrito registro unidimensional, mas se inscreve, em contrapartida, num registro mais amplo e aberto, marcadamente pluridimensional. Seria, assim, pela sua decidida inscrição em múltiplas janelas, que a psicanálise revelaria não apenas a sua riqueza, mas também e principalmente a sua complexidade. É claro que os diferentes campos, destacados devidamente pelas múltiplas janelas, estariam assim não apenas articulados como também rigorosamente hierarquizados. Com efeito, do registro da transmissão ao da arte, passando pelos registros da clínica e da paternidade e do mito, as diversas janelas da psicanálise não seriam aleatórias e dispersas, mas se costuram e se concatenam de forma vigorosa.

Contudo, não se pode perder de vista também que a escolha da categoria janela, para delinear a ordem discursiva do livro em questão, evidencia a escolha pelo autor de uma metáfora oriunda do campo da arquitetura, de forma que a psicanálise se delinearía assim pela multiplicidade de territórios e de paisagens, que poderiam ser vistos, então de diversos pontos de vista. O campo psicanalítico se desdobraria, assim, em muitos espaços de pertinência e de existência, configurando-se, então, como uma topologia multifacetada e marcadamente complexa.

No entanto, como já dito, tais campos e janelas estão rigorosamente hierarquizados, além de necessariamente entrelaçados. Assim, não resta qualquer dúvida que o campo da clínica ocupa certamente a posição superior na hierarquia em questão, pois os demais registros são alinhavados e constituídos logicamente como derivações do registro clínico.

Por que essa posição privilegiada outorgada, então, ao registro da clínica no campo diversificado dessas janelas da psicanálise? Nada mais nada menos porque o registro clínico remete ao campo estrito da experiência psicanalítica que, como se sabe, é a marca

fundamental do discurso da psicanálise. Com efeito, é pela experiência psicanalítica, estabelecida que essa sempre é entre as figuras do analisante e do analista, pela mediação decisiva da transferência, que o campo psicanalítico se ordena efetivamente, de fato e de direito, para parafrasear Kant, na *Crítica da razão pura*.³

Seria, assim, a partir desse recorte fundador, empreendido pelo registro da experiência psicanalítica, que as demais janelas do campo psicanalítico seriam delineadas, num processo teórico configurado pela lógica da derivação. Seria, então, pela imantação da experiência da transferência que os registros da transmissão, da paternidade e da arte poderiam ser efetivamente constituídos, como recortes e paisagens que seriam para que o discurso psicanalítico pudesse se estabelecer topologicamente na sua configuração arquitetônica.

Portanto, o conceito do lugar do analista, que é certamente constitutivo da experiência psicanalítica, não apenas nortearia a técnica e a prática da transmissão da psicanálise, como também delinearía as linhas de força para as leituras dos registros da paternidade e da arte. Seria em decorrência disso que o autor pôde enunciar o conceito de saber flutuante, inscrevendo a modulação móvel e não dogmática da teoria psicanalítica no campo da experiência psicanalítica, como derivação e metáfora que seria do conceito freudiano de atenção flutuante.⁴ Foi por esse viés, enfim, que o autor comentou os conceitos de desejo do analista e de sujeito suposto saber, enunciados por Lacan em diferentes textos.⁵

Dessa maneira, o registro do saber em psicanálise seria sempre marcado pela refração, e não pela reflexão, daquilo que ocorre no campo da experiência psicanalítica, norteados pelas linhas de

3 Kant, E. (1949). *Critique de la raison pure*. Paris: PUF.

4 Freud, S. (1972). *La technique psychanalytique*. Paris: PUF.

5 Lacan, J. (1966). *Écrits*. Paris: Seuil.

força do registro da transferência. Portanto, o processo da transmissão da psicanálise, realizado seguramente em diferentes níveis de complexidade, seria necessariamente marcado pela refração das coordenadas constitutivas da experiência analítica. Da mesma forma, as leituras sobre a paternidade e a arte não seriam, assim, exercícios ociosos de psicanálise aplicada, mas seriam as evidências da reconfiguração significativa da experiência psicanalítica nesses outros territórios e paisagens pertencentes ao campo da psicanálise.

A consequência maior disso é que a figura do analista deveria ser formada pelo imperativo ético-político da emancipação e não pelo imperativo da disciplina obediente, de acordo com as proposições teóricas enunciadas por Adorno⁶ e Arendt⁷ sobre as práticas educativas. Portanto, seria por esse viés ainda que a ética da psicanálise deveria necessariamente delinear o campo do ensino desta, de forma imperativa e rigorosa.

Interdisciplinaridade e democracia

Porém, o desdobramento necessário disso tudo é que a formação do psicanalista deveria ser norteadada pelo paradigma epistemológico interdisciplinar, para que o discurso psicanalítico não seja reduzido a um saber dogmático, orientado que seria então por marcas eminentemente religiosas e de obediência institucional estrita, como seus corolários.

Para que esse destino funesto da psicanálise (Roustang) não se materialize efetivamente, como já ocorreu infelizmente em diferentes momentos e contextos da história da psicanálise, com efeito,

6 Adorno, T. (1992). *Educação e emancipação*. São Paulo: Paz e Terra.

7 Arendt, M. (1972). *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva.

é necessário que o psicanalista mantenha o diálogo permanente do discurso psicanalítico com outros domínios do saber, não apenas para possibilitar assim a expansão, mas também para promover a complexificação do discurso psicanalítico, nos registros teórico e clínico. Seria essa a condição concreta de possibilidade para que o analista pudesse não apenas criticar vigorosamente a psicanálise como discurso teórico, no registro do saber, mas também realizar a sua autocrítica permanentemente no exercício clínico da experiência psicanalítica, no registro ético.

No tempo histórico em que a psicanálise se inscreve definitivamente na estrutura da Universidade, como ocorre efetivamente na contemporaneidade, não se restringindo mais ao campo limitado das instituições psicanalíticas, é necessário que ela se inscreva no campo do diálogo interdisciplinar, para que o saber psicanalítico seja decantado e imunizado de qualquer dogmatismo doutrinário e perca, assim, qualquer marca fundamentalista, como ocorreu melancolicamente em diferentes momentos da história da psicanálise. Em relação a isso, não se pode esquecer como o discurso freudiano se delineou de forma eminentemente interdisciplinar em seus diferentes textos, para delinear epistemologicamente o recorte do campo psicanalítico na sua especificidade teórica e enunciar assim as coordenadas conceituais da metapsicologia, e também que Lacan retomou esse estilo teórico de investigação de maneira sistemática.

Portanto, se a prática clínica da psicanálise supõe a existência da sociedade democrática como condição social e política de possibilidade para o seu exercício concreto, como sustentou recentemente a historiadora da psicanálise Elizabeth Roudinesco, pois a liberdade como imperativo incontornável seria consubstancial à democracia e à psicanálise como experiência clínica, seria então necessário para isso que o discurso psicanalítico perca

definitivamente qualquer marca fundamentalista e totalitária, para se delinear numa outra cartografia, que seja ao mesmo tempo ética e política. Não se pode propor, assim, a inscrição da psicanálise no ideário da emancipação, enfim, sem que essa seja concebida simultaneamente nos registros ético e político.



Clique aqui e:

VEJA NA LOJA

Janelas da Psicanálise

Transmissão, Clínica, Paternidade, Mitos, Arte

Fernando Rocha

ISBN: 9788521213987

Páginas:334

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2019

Peso: 0.365 kg